

O corregedor acordara com o grande rebuliço que ia na casa, e perguntou à esposa, que ele supunha também desperta na câmara imediata, que bulha era aquela. Como ninguém lhe respondesse, sacudiu freneticamente a campainha, e berrou ao mesmo tempo, aterrado pela hipótese de incêndio na casa. Quando D. Rita acudiu, já ele estava enfiando os calções às avessas.

– Que estrondo é este? Quem é que grita? – exclamou Domingos Botelho.

– Quem grita mais é o senhor – respondeu D. Rita.

– Sou eu?! Mas quem é que chora?

– São suas filhas.

– E porquê? Diga numa palavra.

– Pois sim, direi: o Simão matou um homem.

– Em Coimbra?... E fazem tanta bulha por isso!

– Não foi em Coimbra, foi em Viseu – tornou D. Rita.

– A senhora manga comigo?! Pois o rapaz está em Coimbra, e mata em Viseu!

Aí está um caso para que as *Ordenações do Reino* não providenciaram.

– Parece que brinca, Meneses! Seu filho matou na madrugada de hoje Baltasar Coutinho, sobrinho de Tadeu de Albuquerque.

Domingos Botelho mudou inteiramente de aspecto.

– Foi preso? – perguntou o corregedor.

– Está em casa do juiz de fora.

– Mande-me chamar o meirinho-geral. Sabe como foi e porque foi essa morte?... Mande-me chamar o meirinho, sem demora.

– Porque não se veste o senhor, e vai a casa do juiz?

– Que vou eu fazer a casa do juiz?

– Saber de seu filho como isto foi.

– Eu não sou pai: sou corregedor. Não me incumbe a mim interrogá-lo.

Senhora D. Rita, eu não quero ouvir choradeiras; diga às meninas que se calem, ou que vão chorar no quintal.

O meirinho, chamado, relatou miudamente o que sabia, e disse ter-se verificado que o amor à filha do Albuquerque fora causa daquele desastre.

Domingos Botelho, ouvida a história, disse ao meirinho:

– O juiz de fora que cumpra as leis. Se ele não for rigoroso, eu o obrigarei a sê-lo.

Ausente o meirinho, disse D. Rita Preciosa ao marido:

– Que significa esse modo de falar de seu filho?

– Significa que sou corregedor desta comarca, e que não protejo assassinos por ciúmes, e ciúmes da filha de um homem que eu detesto. Eu antes queria ver mil vezes morto Simão, que ligado a essa família. Escrevi-lhe muitas vezes dizendo-lhe que o expulsava de minha casa, se alguém me desse a certeza de que ele tinha correspondência com tal mulher. Não há-de querer a senhora que eu vá sacrificar a minha integridade a um filho rebelde, e demais a mais homicida.

D. Rita, algum tanto por afecto maternal e bastante por espírito de contradição, contendeu largo espaço; mas desistiu, obrigada pela insólita pertinácia e cólera do marido. Tão iracundo e áspero em palavras nunca o ela vira. Quando lhe ele disse: – «Senhora, em coisas de pouca monta o seu domínio era tolerável; em questões de

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

honra, o seu domínio acabou: deixe-me!» – D. Rita, quando tal ouviu, e reparou na fisionomia de Domingos Botelho, sentiu-se mulher, e retirou-se.

A ponto foi isto de entrar o juiz de fora na sala de espera. O corregedor foi recebê-lo, não com o semblante afectuoso de quem vai agradecer a delicadeza e implorar indulgência, senão que, de carrancudo que ia, mais parecera ir ele repreender o juiz, por vir naquela visita dar a crer que a balança da justiça na sua mão tremia algumas vezes.

– Começo por dar a vossa senhoria os pêsames da desgraça de seu filho – disse o juiz de fora.

– Obrigado a vossa senhoria. Sei tudo. Está instaurado o processo?

– Não podia deixar eu de aceitar a querela.

– Se a não aceitasse, obrigá-lo-ia eu ao cumprimento dos seus deveres.

– A situação do senhor Simão Botelho é péssima. Confessa tudo. Diz que matou o algoz da mulher que ele amava...

– Fez muito bem – interrompeu o corregedor, soltando uma casquinada seca e rouca.

– Perguntei-lhe se foi em defesa, e fiz-lhe sinal que respondesse afirmativamente. Respondeu que não; que, a defender-se, o faria com a ponta da bota, e não com um tiro. Busquei todos os modos honestos de o levar a dar algumas respostas que denotassem alucinação ou demência; ele, porém, responde e replica com tanta igualdade e presença de espírito, que é impossível supor que o assassinio não foi perpetrado muito intencionalmente e de claro juízo. Aqui tem vossa senhoria uma especialíssima e triste posição. Queria valer-lhe, e não posso.

– E eu não posso nem quero, senhor doutor juiz de fora. Está na cadeia?

– Ainda não: está em minha casa. Venho saber se vossa senhoria determina que lhe seja preparada com decência a prisão.

– Eu não determino nada. Faça de conta que o preso Simão não tem aqui parente algum.

– Mas, senhor doutor corregedor – disse o juiz de fora com tristeza e compunção –, vossa senhoria é pai.

– Sou um magistrado.

– É demasiada a severidade, pedoe-me a reflexão, que é amiga. Lá está a lei para o castigar; não o castigue vossa senhoria com o seu ódio. A desgraça quebranta o rancor de estranhos, quanto mais o afectuoso ressentimento de um pai!

– Eu não odeio, senhor doutor; desconheço esse homem em que me fala. Cumpra os seus deveres, que lho ordena o corregedor, e o amigo mais tarde lhe agradecerá a delicadeza.

Saiu o juiz de fora, e foi encontrar Simão na mesma serenidade em que o deixara.

– Venho de falar com seu pai – disse o juiz –, encontrei-o mais irado do que era natural calcular. Penso que por enquanto nada pode esperar da influência ou do patrocínio dele.

– Isso que importa? – respondeu sossegadamente Simão.

– Importa muito, senhor Botelho. Se seu pai quisesse, havia meios de mais tarde lhe adoçar a sentença.

– Que me importa a mim a sentença? – replicou o filho do corregedor.

– Pelo que vejo, não lhe importa ao senhor ir a uma forca?

– Não, senhor.

– Que diz, senhor Simão! – redarguiu espantado o interrogador.

– Digo que o meu coração é indiferente ao destino da minha cabeça.

– E sabe que seu pai não lhe dá mesmo protecção, a protecção das primeiras necessidades na cadeia?

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

– Não sabia; que tem isso? Que importa morrer de fome, ou morrer no patíbulo?

– Porque não escreve a sua mãe? Peça-lhe que...

– Que hei-de eu pedir a minha mãe? – atalhou Simão.

– Peça-lhe que amacie a cólera de seu pai, senão o senhor Botelho não tem quem o alimente.

– Vossa Senhoria está-me julgando um miserável a quem dá cuidado saber onde há-de almoçar hoje. Penso que não incumbem ao senhor juiz de fora essas miudezas do estômago.

– Decerto não – redarguiu, irritado, o juiz. – Faça o que quiser.

E, chamando o meirinho-geral, entregou-lhe o réu, dispensando o aguazil de pedir força para acompanhá-lo.

O carcereiro recebeu respeitosamente o preso, e alojou-o num dos quartos melhores do cárcere; mas nu e desprovido do mínimo conforto.

Um outro preso emprestou-lhe uma cadeira de pau. Simão sentou-se, cruzou os braços e meditou.

Pouco depois, um criado de seu pai conduziu-lhe o almoço, dizendo-lhe que sua mãe lho mandava a ocultar, e entregando-lhe uma carta dela, cujo conteúdo importa saber. Simão, antes de tocar no almoço, cujo cabaz estava no pavimento, leu o seguinte:

«Desgraçado, que estás perdido!

Eu não te posso valer, porque teu pai está inexorável. Às escondidas dele é que te mando o almoço, e não sei se poderei mandar-te o jantar!

Que destino o teu! Oxalá que tivesses morrido ao nascer. Morto me disseram que tinhas nascido; mas o teu fatal destino não quis largar a vítima (3) .

Para que saíste de Coimbra? A que vieste, infeliz? Agora sei que tens vivido fora de Coimbra há quinze dias, e nunca tiveste uma palavra que dissesses a tua mãe!...»

Simão suspendeu a leitura, e disse entre si:

– Como se entende isto?! Pois minha mãe não mandou chamar o João da Cruz! E não foi ela quem me mandou o dinheiro?

– Olhe que o almoço arrefece, menino! – disse o criado.

Simão continuou a ler, sem ouvir o criado:

«Deves estar sem dinheiro, e eu desgraçadamente não posso hoje enviar-te um pinto. Teu irmão Manuel, desde que fugiu para Espanha, absorve-me todas as economias. Veremos, passado algum tempo, o que posso fazer; mas receio bem que teu pai saia de Viseu, e nos leve para Vila Real, para abandonar de todo o teu julgamento à severidade das leis.

Meu pobre Simão! Onde estarias tu escondido quinze dias?!

Hoje mesmo é que teu pai teve a carta dum lente, participando-lhe a tua falta nas aulas, e saída para o Porto, segundo dizia o arrieiro que te acompanhou.

Não posso mais. Teu pai já espancou a Ritinha, por ela querer ir à cadeia.

Conta com o pouco valor da tua pobre mãe ao pé dum homem enfurecido como está teu pai.»

(3) Esclarece este dizer de D. Rita a certidão de idade de Simão, a qual tenho presente, e é extraída por Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo, reitor da real igreja da Senhora da Ajuda, do livro 14, a folhas 159. Reza assim:

«Aos dois dias do mês de Maio de 1784, pôs os santos óleos o reverendo padre cura, João Domingues Chaves a Simão, o qual foi «baptizado em casa em perigo de vida» pelo reverendo frei António de S. Pelágio, etc.»

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Simão Botelho reflectiu alguns minutos, e convenceu-se de que o dinheiro recebido era de João da Cruz. Quando saiu com o espírito desta meditação, tinha os olhos marejados de lágrimas.

– Não chore, menino – disse o criado –, os trabalhos são para os homens, e Deus há-de fazer tudo pelo melhor. Almoce, senhor Simão.

– Leva o almoço – disse ele.

– Pois não quer almoçar?!

– Não. Nem voltes aqui. Eu não tenho família. Não quero absolutamente nada da casa de meus pais. Diz a minha mãe que eu estou sossegado, bem alojado, e feliz, e orgulhoso da minha sorte. Vai-te embora já.

O criado saiu, e disse ao carcereiro que o seu infeliz amo estava doido. D. Rita achou provável a suspeita do servo, e viu a evidência da loucura nas palavras do filho.

Quando o carcereiro voltou ao quarto de Simão, entrou acompanhado de uma rapariga camponesa: era Mariana. A filha de João da Cruz, que até àquele momento não apertava sequer a mão do hóspede, correu a ele com os braços abertos, e o rosto banhado de lágrimas. O carcereiro retirou-se, dizendo consigo: – Esta é bem mais bonita que a fidalga!

– Não quero ver lágrimas, Mariana – disse Simão. – Aqui, se alguém deve chorar sou eu; mas lágrimas dignas de mim, lágrimas de gratidão aos favores que tenho recebido de si e de seu pai. Acabo de saber que minha mãe nunca me mandou dinheiro algum. Era de

seu pai aquele dinheiro que recebi.

Mariana escondeu o rosto no avental com que enxugava o pranto.

– Seu pai teve algum perigo? – tornou Simão em voz só perceptível dela.

– Não, senhor.

– Está em casa?

– Está, e parece furioso. Queria vir aqui, mas eu não o deixei.

– Perseguiu-o alguém?

– Não, senhor.

– Diga-lhe que não se assuste, e vá depressa sossegá-lo.

– Eu não posso ir sem fazer o que ele me disse. Eu vou sair, e volto daqui a pouco.

– Mande-me comprar uma banca, uma cadeira, e um tinteiro e papel – disse Simão, dando-lhe dinheiro.

– Há-de vir logo tudo; já cá podia estar; mas o pai disse-me que não comprasse nada sem saber se a sua família lhe mandava o necessário.

– Eu não tenho família, Mariana. Tome o dinheiro.

– Não recebo dinheiro, sem licença de meu pai. Para essas compras trouxe eu de mais. E a sua ferida como estará?

– Ainda agora me lembro que tenho uma ferida! – disse Simão, sorrindo – Deve estar boa, que não me dói... Soube alguma coisa de D. Teresa?

– Soube que foi para o Porto. Estavam ali a contar que o pai a mandara meter sem sentidos na liteira, e está muito povo à porta do fidalgo.

– Está bem, Mariana... Não há desgraçado sem amparo. Vá, pense no seu hóspede, seja o seu anjo de misericórdia.

Saltaram de novo as lágrimas dos olhos da moça; e, por entre soluços, estas palavras:

– Tenha paciência. Não há-de morrer ao desamparo. Faça de conta que lhe apareceu hoje uma irmã.

E, dizendo, tirou das amplas algibeiras um embrulho de biscoitos e uma garrafa de licor de canela, que depôs sobre a cadeira.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

– Mau almoço é; mas não achei outra coisa pronta – disse ela, e saiu apressada, como para poupar ao infeliz palavras de gratidão.